

O (quase) Envolvimento Militar do Brasil na Guerra do Vietnã

Um dos acontecimentos mais expressivos das décadas de 60 e 70 do século XX foi a Guerra do Vietnã na sua chamada “fase americana” (1964-1973). Os Estados Unidos enviaram tropas para a região na sua luta contra o comunismo, porém sua máquina de guerra “atolou” contra o grupo de guerrilheiros comunistas locais denominado “Vietcong”. A repercussão da guerra foi mundial – tanto que quase envolveu o Brasil, um país muito longe do Sudeste Asiático.

O Brasil e o Começo da Guerra do Vietnã

Entre 2 e 4 de agosto de 1964, foram registrados ataques a destróieres norte-americanos em “águas internacionais” por barcos-patrolha vietnamitas no golfo de Tonquin, litoral do Vietnã do Norte. Apesar das dúvidas e da falta de informações, esses “ataques” eram tudo o que o presidente dos Estados Unidos, Lyndon Johnson, mais desejava: no dia 5 de agosto, ele conseguiu poderes para conduzir a intervenção no Vietnã, dentro da premissa de que os Estados Unidos estariam ajudando um país ameaçado pelo comunismo. Começavam os bombardeios ao Vietnã do Norte – a “fase americana” da Guerra do Vietnã.

As reações ao incidente de Tonquin no Brasil foram totalmente favoráveis às ações dos Estados Unidos, em particular, na imprensa. A *Folha de São Paulo* começou com um destaque cauteloso, no dia 4 de agosto de 1964, uma vez que as notícias ainda não eram conclusivas. No dia 5, não restavam mais dúvidas: barcos norte-americanos foram atacados por lanchas de guerra norte-vietnamitas, o que fizera com que os norte-americanos bombardeassem o Vietnã do Norte e anunciassem que medidas de contenção ao comunismo seriam tomadas no Vietnã do Sul, conforme afirmara o jornal.

A China era a “grande culpada de tudo”, pois havia levado os norte-vietnamitas a lutarem por uma expansão em que eles não teriam vez, versava o editorial da *Folha de São Paulo* do dia 7 de agosto de 1964, junto com manchetes que informavam que tropas chinesas estavam de prontidão, caso os norte-americanos invadissem o Vietnã do Norte – fato este que, efetivamente, não ocorreu. Destacando que a reação norte-americana foi inevitável, o editorial considerava duas alternativas:

- 1º – a “neutralização” da região, deixando abandonada para a “dominação chinesa”;
- 2º – uma grande ofensiva que neutralizasse as ações comunistas, podendo-se usar, inclusive, bombas atômicas.

Os chineses (e até mesmo os soviéticos) não estimularam seus vizinhos vietnamitas à guerra efetivamente, mas este tipo de notícia acusatória ao mundo comunista era bem típico do momento. Os expurgos feitos pelos militares nos meses seguintes ao golpe de 1964, em março, monopolizaram o espaço na imprensa brasileira, que estava a favor dos militares na queda de João Goulart, embora temerosa com os caminhos seguidos pelo governo militar, que parecia não querer abandonar tão cedo o poder. Porém, nos momentos iniciais do golpe, a pregação anticomunista e o fim da “bagunça” administrativa do governo Goulart eram retratados com grande euforia. Com o anticomunismo ainda em evidência, a cobertura do Incidente de Tonquin não poderia escapar dessa lógica.

Regime Militar e a Guerra do Vietnã

No dia 6, a posição do governo brasileiro ganhava primeira página na *Folha de São Paulo*: o Brasil era solidário aos Estados Unidos e contrário à agressão norte-vietnamita. Como era uma intervenção para auxiliar um país que estava sendo atacado pelo comunismo – o mesmo motivo que os militares haviam alegado para justificar sua ascensão ao poder em 1964 –, a posição do governo brasileiro de apoiar os Estados Unidos foi bastante lógica.

Desde as primeiras notícias do agravamento da crise no Sudeste Asiático, o governo militar brasileiro mostrava-se muito preocupado com a situação, desejando um rápido desfecho, de preferência com os resultados favoráveis aos norte-americanos. O risco não era apenas de um eventual exemplo a grupos de oposição, que ainda poderiam exercer alguma reação dentro do Brasil naquele momento, mas também a pressão dos seus próprios aliados, os Estados Unidos, que queriam a presença de tropas brasileiras no conflito vietnamita.

O presidente Castelo Branco era informado sobre a maioria das operações que eram efetuadas no Vietnã pelo próprio Johnson, por meio do embaixador Lincoln Gordon. Numa carta de Johnson para Castelo Branco (datada de 25/07/65), o então Presidente dos Estados Unidos deixou clara a sua intenção:

Fui informado de que o governo brasileiro já providenciou o envio de café e medicamentos para o Vietnã, através da Cruz Vermelha Brasileira, e tenho certeza de que esses artigos são muito necessários àquele país. Em vista das atuais circunstâncias, porém, parece que se fará necessária ajuda adicional, e estou muito interessado em conhecer seu ponto de vista em relação a que tipo de assistência adicional o governo brasileiro talvez pudesse fornecer.

O governo norte-americano condicionou um empréstimo ao Brasil, no valor de 150 milhões de dólares, à presença de tropas brasileiras no Vietnã.

A “Diretriz particular e íntima para o ministro Juraci Magalhães”, ministro do Exterior na época, comentando o pedido norte-americano, afirmou:

O caso do Vietnã está repercutindo em cheio sobre o Governo do Brasil. O embaixador Gordon, em sua última conferência comigo, antes do Natal, me transmitiu o pedido do presidente Johnson para o nosso país colaborar no esforço norte-americano. (...) Sugeriu então que enviássemos meios de guerra (tropas terrestres, navios ou aviões), médicos ou mesmo enfermeiros.

Castelo Branco nunca cogitou a idéia de mandar tropas ao Vietnã, sendo esta política justificada pela lógica dos preceitos da Escola Superior de Guerra. Por esses conceitos, o Brasil deveria defender uma área específica, surgindo daí a teoria dos Círculos Concêntricos ou cones, ou seja, áreas estratégicas delimitadas que o Brasil deveria intervir em casos de emergência. O Brasil teria de se preocupar com o “círculo concêntrico” do Atlântico Sul, intervindo (quer por alianças, quer por pressão militar) nos instáveis vizinhos Paraguai, Bolívia, Venezuela, Uruguai e na sempre rival Argentina; o “cone” da margem do Atlântico, preocupando-se com o litoral africano, que assistia a inúmeras lutas de caráter anticolonial (muitas delas defendendo a revolução socialista); e o “cone” norte, barrando a influência da Revolução Cubana (o que explicaria a presença de tropas brasileiras na República Dominicana, em 1965). O papel dos Estados Unidos seria o de auxiliar todos os lugares do mundo onde existisse ameaça comunista, como estavam fazendo no Sudeste Asiático. Dentro dessa lógica, a presença brasileira no Vietnã do Sul seria desnecessária, já que o país já estava cumprindo o seu papel dentro do continente americano.

O governo de Castelo Branco deu apoio ao governo de Lyndon Johnson e ao governo do Vietnã do Sul exportando café e enviando ajuda médica através da Cruz Vermelha do Brasil. Apesar do auxílio brasileiro limitar-se apenas ao envio de café e de medicamentos, os sul-vietnamitas colocaram o nome do país num monumento, com nomes de todos os países que ajudavam o Vietnã do Sul.

Não seria a última vez que o governo dos Estados Unidos iria propor que o Brasil se envolvesse diretamente no Vietnã: Henry Kissinger, assessor para assuntos de Segurança Nacional, numa carta escrita em nome do presidente Richard Nixon (1969-1974) e endereçada ao presidente Médici, datada de 16 de julho de 1973, solicitava que o Brasil substituísse o Canadá na comissão de quatro países que tentariam monitorar o

tratado de paz celebrado pelas conversações de Paris, assinado em 27 de janeiro do mesmo ano (tratado que deixou a situação igual ao instável acordo de Genebra de 1954), pois “o governo é ideologicamente sólido e o país tem experiência internacional”. O governo Médici recusou a oferta – o Vietnã era um problema “espinhoso” demais para o regime militar brasileiro participar.

Box – Origens da Guerra do Vietnã

O Incidente de Tonquin foi a desculpa para a entrada definitiva dos Estados Unidos no conflito vietnamita, ou, melhor ainda, para institucionalizar a sua intervenção. O Vietnã faz parte da península da Indochina, no Sudeste Asiático. Dominados pelos franceses no final do século XIX, junto com os vizinhos Laos e Camboja, a região da Indochina foi transformada em colônia francesa, mas a resistência contra o invasor e colonizador nunca cessou. Com o início da Segunda Guerra Mundial e da capitulação francesa perante a Alemanha nazista, os japoneses, aliados dos nazistas, penetraram na Indochina. Em 1941, foi fundado o *Viet Nam Doc-Lap Dong Minh*, a Liga de Independência do Vietnã, conhecida pelo nome reduzido de *Vietminh*, formada por nacionalistas, incluindo o comunista Ho Chi Minh. Inicialmente lutaram contra os japoneses, com auxílio norte-americano, vencendo-os, tomando o país (Vietnã) e proclamando a independência, em 1945. A independência duraria menos de um mês.

Com o fracasso das negociações entre o *Vietminh* e o governo francês, a França bombardearia o porto de Haiphong, em 1946, iniciando as batalhas do que foi chamado de Primeira Guerra da Indochina (1946-1954). Essa guerra, apesar de ser uma luta colonial – a França queria retomar sua antiga colônia –, acabou entrando num quadro mais complexo no imediato pós-guerra: para os Estados Unidos, esta era uma luta global entre o “mundo livre” democrático e a opressão comunista. Os norte-americanos começariam a financiar o esforço de guerra francês.

As forças francesas na Indochina foram derrotadas na batalha de Dien Bien Phu, em 1954 (batalha esta que começara em novembro de 1953), o que levaria as partes em guerra à mesa de negociações em Genebra, negociações estas, iniciadas em 8 de maio e encerradas em 21 de julho de 1954, que dividiram a península da Indochina em quatro países: Vietnã do Norte (sob a liderança do *Vietminh*), Vietnã do Sul (que seria apoiado pelos Estados Unidos), Laos e Camboja. A divisão do Vietnã, na altura do paralelo 17, seria temporária, sendo que o destino dessa divisão seria decidido numa futura eleição, que indicaria os rumos da reunificação dos dois Vietnãs.

Os Estados Unidos fizeram todos os esforços possíveis para que o Vietnã do Sul fosse um regime estável, pró-ocidental e que pudesse se defender caso o Vietnã do Norte resolvesse iniciar uma luta para a reunificação. Mas o governo que assumiu o Vietnã do Sul em 1954, de Ngo Dinh Diem (inicialmente como primeiro-ministro do imperador Bao Dai, depois como presidente), apresentava duas características básicas: corrupção e incompetência. No final da década de 50, os ataques guerrilheiros para unificar o país foram sendo retomados no Vietnã do Sul. Em dezembro 1960, foi criada a Frente de Libertação Nacional (FLN), organização nacionalista (como no *Vietminh*, nem todos eram comunistas) que visava a reunificação do país e era apoiada pelo Vietnã do Norte. Os guerrilheiros da FLN acabariam conhecidos como *Vietcong*. O governo Dwight Eisenhower (1953-1960) logo estaria mandando 200 conselheiros militares por volta de 1960 – a situação do Vietnã do Sul agravara-se. O número de conselheiros militares iria aumentar durante o governo de John Kennedy (1961-1963).

A impopularidade do regime de Diem confirmou-se na crise do governo com os budistas. Depois de alguns confrontos violentos entre as forças de Diem e seitas budistas, no dia 11 de junho de 1963, aconteceu um fato marcante: um monge budista ateou-se fogo. A fotografia deste incidente, tirada por Malcolm Browne, seria uma das mais famosas do século XX, colocando o Vietnã nas primeiras páginas dos jornais do mundo inteiro.

Ainda em 1963, Diem não resistiu às pressões, sendo deposto e morto. Um mês depois do assassinato de Diem, Kennedy também encontraria a morte ao ser assassinado em Dallas ([22/11/1963](#)), sendo substituído pelo vice-presidente Lyndon Johnson, que aplicaria uma política mais radical na questão vietnamita. Logo, Johnson ordenou que aviões, secretamente, recolhessem informações sobre o Vietnã do Norte. A situação do Vietnã do Sul era a pior possível, já que poderia ser dominado pelo *Vietcong* em questão de meses. O Incidente de Tonquin fez com que os Estados Unidos entrassem definitivamente na guerra.

Os norte-americanos iriam se retirar definitivamente do Vietnã em 1973 e a guerra, tendo como resultado a reunificação do país pelos comunistas, acabaria apenas em [30 de abril de 1975](#).

Sobre o autor:

Orivaldo Leme Biagi é Mestre e Doutor em História pela UNICAMP, leciona na FAAT (Faculdades Atibaia) e autor de *O Imaginário e as Guerras da Imprensa – Estudo das Coberturas Realizadas pela Imprensa Brasileira da Guerra da Coréia (1950-1953) e da Guerra do Vietnã na sua chamada “Fase Americana” (1964-1973)*. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2004.

Bibliografia

ARNETT, Peter. *Ao Vivo no Campo de Batalha – do Vietnã a Bagdá, 35 Anos em Zonas de Combate de Todo o Mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FERRO, Marc. *História das Colonizações – das Conquistas às Independências, Séculos XIII a XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

VIANA FILHO, Luís. *O Governo Castelo Branco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, 2ª ed.

Imagens



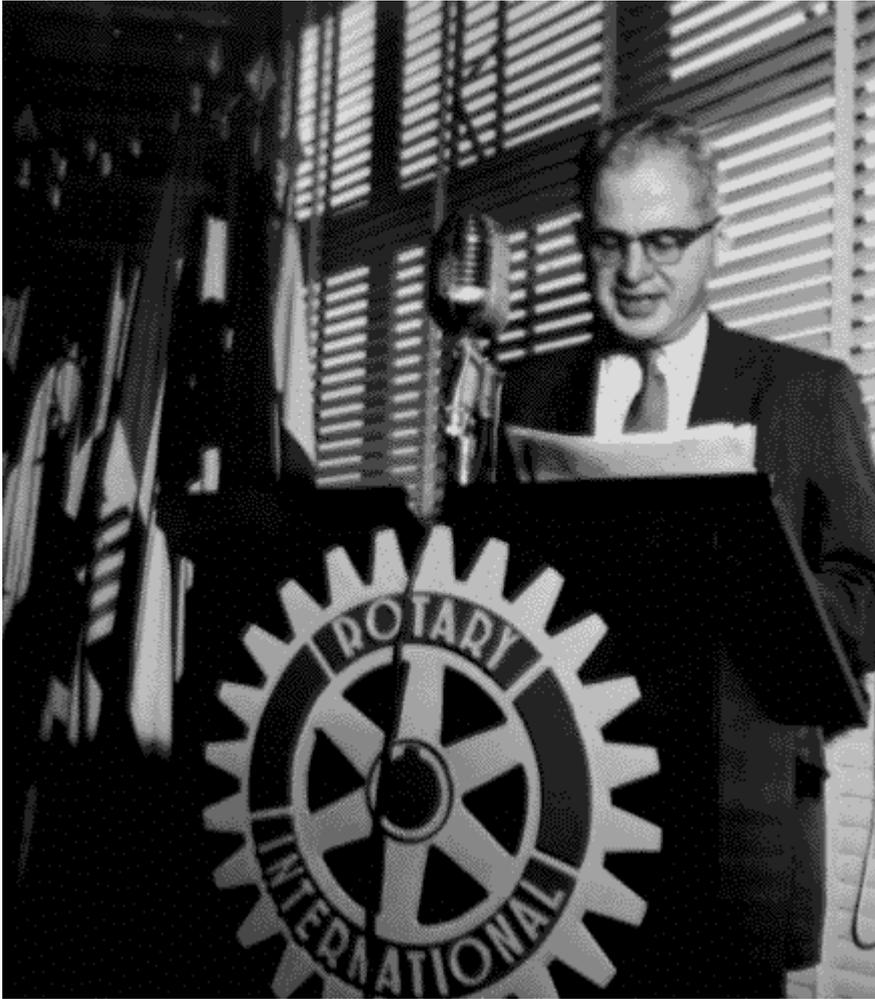
Vietnã, 1968. Série *Última Hora* – Política.



Soldado vietnamita conduzindo menino, 1963. Série *Última Hora* – Política.



Ernesto Geisel, Charles d'Gaulle e Castelo Branco, 1964. Série *Última Hora* – Número 1.



Gordon Lincoln, embaixador dos Estados Unidos no Brasil, dirigindo-se aos rotarianos. [s.d.]. ICO UH 0338 DAESP.